Revista EaD &

tecnologias digitais na educação

“Tudo o que te sobreviveu me agride”: considerações sobre trauma e memória na novela Morreste-me (2015), de José Luís Peixoto

Natacha dos Santos Esteves (UEM)

https://orcid.org/0000-0002-9834-5044

natachaestevescm@gmail.com

Gustavo Moreira Rocha (UEM)

https://orcid.org/0000-0002-4169-1878

gustamr@outlook.com

***Resumo**: O presente estudo almeja apresentar algumas considerações sobre a novela Morreste-me (2015), do escritor português José Luís Peixoto. Na obra, narrada em primeira pessoa, a perspectiva memorialista é dominante por se tratar do testemunho de um filho após a morte traumática e violenta do pai. Dessa forma, a análise é centrada em determinar o caráter das memórias tecidas pelo narrador/personagem, evidenciando suas particularidades e a forma como essas memórias (reevocações) vão moldando a identidade do filho ao longo da obra. Para tanto, as considerações apresentadas têm respaldo nos estudos de teóricos sobre a memória, o trauma e o testemunho. Além disso, por serem temas que transitam a esfera da subjetividade, a psicanálise também servirá de subsidio para as reflexões pretendidas.*

***Palavras-chave**: Testemunho. Trauma. Memória. Morreste-me.*

***Abstract**: The present study aims to present some considerations about the novel Morreste-me (2015), by the Portuguese writer José Luís Peixoto. In the work, narrated in the first person, the memoirist perspective is dominant because it is the testimony of a son after the traumatic and violent death of his father. Thus, the analysis is centered on determining the character of the memories woven by the narrator/character, highlighting their particularities and the way in which these memories (recalls) shape the son's identity throughout the work. Therefore, the considerations presented are supported by studies by theorists on memory, trauma and testimony. Furthermore, as they are themes that transit*

the sphere of subjectivity, psychoanalysis will also serve as a subsidy for the intended reflections.

***Keywords**: Testimony. Trauma. Memory. Morreste-me.*

> Parto para o que sobra de ti e tudo são resquícios do que foste. Parto de ti, viajo nos teus caminhos, corro e perco-me e desencontro-me no enredo de ti, nasço, morro, parto de ti, viajo no escuro que deixaste e chego, chego finalmente a ti, Pai. Ao lado desta manhã, a outra vez. A primeira noite que não viste.
> Descansa, pai. Ficou o teu sorriso no que não esqueço, ficaste todo em mim. Pai. Nunca esquecerei. (Morreste-me, José Luis Peixoto).

1. Considerações iniciais sobre o tema

Desde seu processo de formação, a humanidade lida com inúmeros questionamentos inquietantes, cujas respostas são tudo, menos concretas e fechadas. A memória, parte intrínseca do ser humano, é um desses questionamentos. Diversas áreas do conhecimento, desde psicologia à neurociência, tecem estudos sobre a memória. Contudo, assim como outros grandes questionamentos da humanidade, as reflexões sobre memória têm-se o seu início com a tradição filosófica aristotélica e platônica que ainda servem de base para a filosofia moderna.

É nítido que as postulações de Aristóteles (384 a.C. — Atenas, 322 a.C.) e Platão (428/427 – Atenas, 348/347 a.C.) já foram refutadas por muitos filósofos e estudiosos sobre a memória, mas, por serem as bases das reflexões, suas postulações auxiliam em um entendimento mais concreto sobre o que é a memória (enquanto uma reevocação/reminiscência).

Em seu livro intitulado *O passado, a memória, o esquecimento* (2010), o historiador e filósofo italiano Paolo Rossi, ao comentar sobre a tradição aristotélica e a platônica, tece algumas reflexões sobre a memória e a reminiscência que são significativas para o andamento do presente estudo. Assim, na concepção de Rossi (2010, p. 15), "a memória parece referir-se a uma persistência, a uma realidade de alguma forma intacta e contínua; a reminiscência (ou anamnese ou reevocação), pelo contrário, remete à capacidade de recuperar algo que se possuía antes e que foi esquecido".

Essa diferenciação precisa entre memória e reminiscência é pertinente aos estudos literários que se ocupam, assim como o presente, a estudar o que se mantém conservado na memória (a reminiscência). A reevocação de qual fala Aristóteles não é neutra e passiva, ela se configura como uma tentativa deliberada de sentir/experimentar algo que se encontra na memória, ou melhor, “é uma espécie de escavação ou de busca voluntária entre os conteúdos da alma” (ROSSI, 2010, p. 16). Afinal de contas, a memória é algo que permeia homens e animais, mas a reminiscência só pertence a humanidade.

Entre os séculos entre os séculos V e XV – denominado como Idade Média – houve uma grande estagnação nos estudos científicos sobre a memória. Apenas no Renascimento, com a necessidade de recuperar a Antiguidade Clássica, é que esse campo voltou a ser estudado, solidificando-se efetivamente no século XX, uma vez que ocorreu “uma virada culturalista dentro das ditas ciências humanas. Nesta virada a memória passou a ocupar um lugar de destaque, submetendo a quase onipresença da historiografia no que tange à escritura de nosso passado” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 65).

Os estudos sobre a memória, conforme afirmado anteriormente, permeiam diversas áreas do conhecimento e, consequentemente, são atrelados a diversos temas, tais como luto e trauma, memória coletiva e memória individual, espetacularização da memória, testemunho, etc.

No presente estudo, a memória será trabalhada em consonância com o tema do testemunho advindo da perda abrupta de um ente querido que se configura como um trauma, visto seu caráter violento. O professor de Teoria Literária Márcio Seligmann-Silva (2008) afirma, em um estudo sobre narrar o trauma que, o testemunho é uma atividade elementar, no sentido de que ele suscita a necessidade *vital* de narrar o trauma vivenciado.

O objeto de estudo que será analisado no presente trabalho é a novela *Morreste-me* (2015), do escritor português José Luís Peixoto. Publicado pela primeira vez em 2000, o livro é um testemunho sobre a perda do pai – José João Serrano Peixoto. Diante do exposto, pressupõe-se o *tom* lírico e figurado da narrativa, que será evidenciado mais adiante.

Por tratar-se de uma narrativa memorialista testemunhal – subjetiva –, que parte para uma perspectiva traumática sobre a partida de um ente querido, as reflexões do presente artigo encontrarão respaldo nas considerações do psicanalista Juan-David Nasio (1997).

No que tange à memória e o testemunho, o já citado Márcio Seligmann-Silva (2008) será utilizado. Ademais, o estudo de Beatriz Sarlo, intitulado *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007), servirá de subsidio teórico ao longo do trabalho, assim como outras referências que forem sendo suscitadas.

2. “Tudo o que te sobreviveu me agride. Pai. Nunca esquecerei”: a prisão da memória no ato de testemunhar

José Luís Peixoto, autor da obra que norteia as reflexões do presente estudo, nasceu em Galveias, em 1974. É considerado um dos autores de maior destaque da Literatura Portuguesa contemporânea. A sua obra ficcional e poética figura em dezenas de antologias, traduzidas em um número vasto de idiomas, e é estudada em diversas universidades nacionais e estrangeiras. Em 2001, acompanhando um imenso reconhecimento da crítica e do público, foi laureado com o Prêmio Literário José Saramago pelo romance *Nenhum olhar*. Em 2007, *Cemitério de pianos* recebeu o Prêmio Cálamo Otra Mirada, destinado ao melhor romance estrangeiro publicado na Espanha[8].

A obra em análise – *Morreste-me* –, narrada em primeira pessoa e de forma fragmentária, intercala o tempo presente com o passado e prelúdios de um futuro pressuposto. A trama é centrada nas lembranças que o filho tem após a morte prematura e abrupta de seu pai, vitimado por um câncer estomacal repentino, incurável e desumanizador. Aclamada pelo público, a novela de Peixoto é tida como,

Uma obra tocante e comovente, na medida em que o texto fixa-se como um relato em memória ao pai, ao pai morto, ao pai que tanto gerou amor e saudades para o filho e para a família, e tudo isso faz com que o relato do luto do filho, do filho que ama o pai, seja

[8] Dados biográficos colhidos do seguinte endereço: < https://www.nonada.com.br/2015/05/em-morreste-me-jose-luis-peixoto-homenageia-legado-e-memoria-do-pai/ >. Acesso em 01 de jun. de 2022.

ao mesmo tempo uma homenagem, seja memória, e seja literatura da mais alta qualidade literária[9].

O narrador, tomado pelo luto e pela necessidade de testemunhar a existência do pai, assume um tom não linear, contribuindo com a carga poética das memórias narradas, uma vez que "o tempo próprio da lembrança é o presente: isto é, o único tempo apropriado para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o próprio" (SARLO, 2007, p. 10). Além disso, esse filho/narrador só concebe o pai morto no presente, ao relatar suas memórias, visto a necessidade de manter esse pai vivo e manter-se vivo também.

De partida, o primeiro ponto a ser analisado é justamente a poeticidade do que é narrado. Todos os indivíduos, em dimensões diversas, são atravessados por poesia, por noções conotativas e figuradas (PAZ, 2012), uma vez que, o grande substancial da existência humana é a angustia que, conforme afirma Heidegger (1993), faz o homem ultrapassar a barreira do ser e alcançar o existir e, consequentemente, podendo assim se entender e se interpretar. E é pelo poético, em grande parte dos casos, que o homem consegue constatar a angústia que o habita, uma vez que,

> Na reflexão do texto poético, fica evidente a dialética entre o visível e o invisível, o próximo e o distante, a realidade e o sonho, as referências externas e o conteúdo subjetivo. Trata-se de um diálogo expresso através de palavras, uma vez que o homem, na ânsia de sugerir toda a profundidade do seu "eu" abissal, elege a linguagem como porta-voz de seus sentimentos e de suas ideias. É, precisamente, quando a linguagem alcança grau, assim, tão elevado que a poesia se converte em sua expressão natural, já que ela se configura na única linguagem compatível com a expressão das emoções (TOFALINI, 2005, s/p).

O título do livro é um grande indicativo da poeticidade e angustia heideggeriana do narrador/personagem, visto que ele indica uma morte dupla: a do pai que morreu e matou parte do filho nesse processo, o que respalda a afirmação é a conjugação do verbo "morrer". Quando conjugado na segunda pessoa do singular (tu), no pretérito perfeito do indicativo, ele assume a forma "morreste", indicando que alguém (que não sou eu) morreu. A presença do pronome pessoal do caso reto obliquo "me" deve ser empregada, conforme determina a gramática, à primeira pessoa do singular e tem como função sintática ser objeto direto – complemento do verbo –, indicando que alguém/algo fora morto. Ou seja, o filho, metaforicamente, está morto – em partes – com o pai e este o matou ao morrer[10].

Partindo para o livro em si, é observável como a obra serve de respaldo para as afirmações proferidas, mas, partindo de um ponto especifico que serve para ilustrar o tom angustiante e poético assumido pelo narrador, se dá na forma como ele vê o espaço e o tempo que habita depois da morte de seu pai, mostrando como essas duas categorias narrativas são completamente tangenciadas pelo o que o narrador/personagem sente:

---

[9] Sem indicação de autor. A resenha crítica fora colhida do seguinte endereço: EM MORRESTE-ME, José Luis Peixoto homenageia legado e memória do pai. *Nonada*, Porto Alegre, 06 de mai. de 2015. Disponível em: < https://www.nonada.com.br/2015/05/em-morreste-me-jose-luis-peixoto-homenageia-legado-e-memoria-do-pai/ >. Acesso em 01 de jun. de 2022.

[10] Fica a ressalva de que a presente leitura não assume uma postura unânime e fechada sobre a interpretação do título da obra, apenas busca interpretar as lacunas que o texto de Peixoto oferece, em outras palavras, obras literárias abertas "possuem determinadas lacunas ou espaços vagos ou nebulosos que são descobertos e preenchidos pelos leitores" ((BRAGATTO FILHO, 1999, p.15).

> Regressei hoje a esta terra agora cruel. A nossa terra, pai. E tudo como se continuasse. Diante de mim, as ruas varridas, o sol enegrecido de luz a limpar as casas, a branquear a cal; e o tempo entristecido, o tempo parado, o tempo entristecido e muito mais triste do que quando os teus olhos, claros de névoa e maresia distante fresca, engoliam esta luz agora cruel, quando os teus olhos falavam alto e o mundo não queria ser mais que existir (PEIXOTO, 2015, p. 07).

Para a enlutado, cuja percepção lógica é tangenciada pela melancolia, todos os referentes espaciais passam a refletir o que ele sente. O psicanalista Sigmund Freud, em sua obra intitulada *Luto e melancolia* (2013), explique que "[...] no luto, o mundo se torna vazio, empobrecido, sem atrativos; na melancolia, é o próprio eu (ego) que é atingido, ferido, dilacerado. No luto, nada da perda é subtraído da consciência, pois o enlutado sabe o que perdeu" (2013, p. 66-67).

De fato, vivenciando o luto e um estado melancólico, o personagem sabe que perdeu o pai e por isso sofre a morte de seu ente querido. Em contrapartida, ele também sabe que perdeu algo de si próprio, mas a incapacidade de medir e determinar o que foi perdido o assombra de forma violenta. É na memória, na reminiscência, que o personagem busca reviver o pai e sobreviver a morte de seu pai.

O passado, conforme afirma Sarlo (2007), *é sempre conflituoso* e, consequentemente, em uma narrativa memorialística testemunhal, cujo foco narrativo é em primeira pessoa e o discurso empregado é o indireto livre, tudo que está atrelado ao narrador será *conflituoso*, visto que se trata de material subjetivo.

Atrelado as considerações sobre o passado, Seligmann-Silva (2008), afirma que, "na situação testemunhal o tempo passado é o tempo presente. [...] o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa. O trauma mostra-se, portanto, como o fato psicanalítico prototípico no que concerne à sua estrutura temporal" (p. 69).

Em *Morreste-me* (2015), esse 'passado que não passa' e é 'o tempo presente' é o que orienta a narrativa. O filho tenta, ao longo da obra, se libertar do pai morto, mas, ao mesmo tempo, tenta eternizá-lo por meio do testemunho, conforme pode ser observado no seguinte excerto:

> Entrei em casa. Apenas a lareira fria, as janelas fechadas a moldarem sombras finas no escuro. Do silêncio, da penumbra, **um crescer de espectros, memórias? Não, vultos que se recusavam a ser memórias**, ou talvez uma mistura de carne e luz ou sombra. E vi-te pensei-te lembrei-te, à mesa, sentado no teu lugar. Ainda sentado no teu lugar, e eu, a minha mãe, a minha irmã, sentados também, a rodearmos-te. Iguais ao que éramos. Ali estávamos há muito tempo, esquecidos abandonados desde um dia em que o passar das coisas parou na nossa felicidade simples singela (PEIXOTO, 2015, p. 15, grifos nossos).

O narrador/personagem, ao comparar suas memórias com o espectro, atribui uma carga semântica mais acentuada ao que é narrado. Segundo Leyla Perrone-Moisés (2016), "o espectro é o morto mal enterrado, que volta para cobrar alguma coisa mantida em instâncias. Por outras palavras, é o passado que se recusa a morrer" (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 150). Além disso, em termos estéticos, a presença do espectro afeta a linearidade temporal da narrativa, resultando na forma mais fragmentária da memória das personagens, como pode ser observado no excerto que foi apresentado anteriormente.

Um outro ponto a ser analisado no excerto citado é o tom prosaico do narrador. Conforme afirma Seligmann-Silva (2008), o testemunho é sempre uma relação dialógica, sempre uma conversa. O eu que testemunha necessita de um ouvinte (real ou fictício). Na obra em análise, o narrador conversa sobre e com o pai morto. A todo momento ele faz uso do vocativo para direcionar a narração ao pai, conforme podemos observar no trecho que segue:

> **Pai**. Deixaste- ficar em tudo. Sobrepostos na mágoa indiferente deste mundo que finge continuar, os teus movimentos, o eclipse dos teus gestos. E tudo isto é agora pouco para te conter. Agora, és o rio e as margens e a nascente; és o dia, e a tarde dentro do dia, e o sol dentro da tarde; és o mundo todo por seres a sua pele. **Pai**. Nunca envelheceste, e eu queria verte velho, velhinho aqui no nosso quintal, a regar as árvores, a regar as flores. Sinto tanta falta das tuas palavras. **Orienta-te, rapaz**. Sim. Eu oriento-me, **pai**. E fico. Estou. [...] **Pai**. Tudo o que te sobreviveu me agride. **Pai**. Nunca esquecerei (PEIXOTO, 2015, p. 18-19, grifos nossos).

O silêncio que acompanha os *diálogos* que o personagem estabelece com o morto é bastante significativo também. Eni Orlandi, em sua obra intitulada *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* (1997), explica que o silêncio faz parte de todos os processos de comunicação e "o silêncio não fala, ele significa" (p. 44). Em seu estudo, Orlandi categoriza uma série de representações do silêncio e duas elencadas pela autora encaixam-se nos *diálogos* entre pai e filho: o silêncio da alma e o da solidão. Nesses tipos de manifestações, o indivíduo tem a constatação de que comunicar-se com outros indivíduos não representa uma comunicação plena e significativa.

Assim, pensando na novela, o filho *poderia* dialogar com outros personagens vivos citados (a mãe e a irmã), mas isso não é suficiente para manter o pai *vivo*. Ele se vê cativo das conversas que precisa manter com o pai, mesmo que nunca receba uma verbalização real do outro lado. Além disso, o silêncio que o personagem enfrenta é deveras opressor, visto que, preso na necessidade de falar com pai, ele se afasta dos vivos.

Além do já mencionado uso do vocativo e do silêncio, ainda pensando no exceto anterior, o narrador *conversa* com o pai morto e o pai o responde com "orienta-te, rapaz". O diálogo entre os dois se repete ao decorrer da obra e isso suscita em um testemunho dialógico, "híbrido de singularidade e de imaginação, como evento que oscila entre a literalidade traumática e a literatura imaginativa" (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 72). Assim, é nas memórias que o pai morto lhe responde.

Esse contato presente com o ente querido que se foi é necessário em uma narrativa testemunhal, visto que narrar um trauma de forma direta pode colocar o que se narra, inconscientemente, em dúvida. Assim, a literatura de trauma, enquanto ficcionalização, é uma forma segura de se lidar com o que foi vivido e, por ser literatura, é necessário a utilização do figurativo e de imagens para se narrar o inenarrável.

O narrador/personagem, por mais que tente, nem sempre consegue lembrar do pai. É uma afirmação que pode assumir tons sorumbáticos, dado o tema da obra em estudo. Contudo, o processo de rememoração assumido na obra configura-se como uma escavação do conteúdo a ser lembrado e isso nem sempre se conclui com êxito, conforme é possível de ser evidenciado no trecho que segue, "onde estiveste esta noite, pai? Procurei-te para lá da memória, nos cantos que só nós conhecemos, e não te vi. Vi apenas, no negro dos cantos antes iluminado, o negro da tua falta, a dor sem fim que só se pode sentir. Procurei-te nos

cantos da noite" (PEIXOTO, 2015, p. 37). Assim, lembrar é voltar ao passado estando no tempo presente e, como já mencionado anteriormente, *o passado é conflituoso* e,

> Ele continua ali, longe e perto, espreitando o presente como a lembrança que irrompe no momento em que menos se espera ou como a nuvem insidiosa que ronda o fato do qual não se quer ou não se pode lembrar. Não se prescinde do passado pelo exercício da decisão nem da inteligência; tampouco ele é convocado por um simples ato da vontade. O retorno ao passado nem sempre é um movimento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente (SARLO, 2007, p. 09).

Na ânsia em lembrar eternamente do pai, o narrador/personagem tenta embarcar, de forma breve, em um processo de transfiguração, cujo objetivo era manter a memória sobre o pai viva por meio dele, conforme é possível de ser observado na citação que segue:

> Abri as gavetas da cômoda, procurei-te, abri as portas do armário. Toquei as roupas que nunca mais vestirás e que vestias, que lembro no teu peito de carne, nos teus braços grossos, nas pernas brancas finas que mostravas na praia e com que brincávamos por serem tão finas e tão brancas, por serem pernas de homem e nunca apanharem sol. [...] E vesti as tuas roupas. Tenho-as vestidas. Nem largas, nem curtas, vesti as tuas roupas e olhei-me no espelho sobre a cômoda. No reflexo, encontrei-te, vi-te passar a mão rapidamente pelo cabelo e alisar a roupa no corpo e acertar o colarinho da camisa. Pai, olhaste-me fixamente nos teus contornos de rapaz. E saíste para onde ias, que tinhas sempre destino. Vi-me igual a ti, nas tuas feições firmes (PEIXOTO, 2015, p. 39-40).

O filho teme perder a capacidade de rememorar a própria feição do pai e, para conseguir vê-lo, o narrador/personagem se transfigura momentaneamente. Beatriz Sarlo (2007), ao comentar sobre a subjetividade da narrativa testemunhal, afirma que, "a narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração" (2007, p. 24), assim, o narrador/personagem se coloca, corporalmente, em uma cena do passado (o que o pai vestia, a forma como ele arrumava a gravata e o cabelo) para desobstruir as memórias que ele *tem*.

Esse processo de rememoração que o narrador/personagem desempenha ao longo da narrativa do livro, antes de ser um ato puro de amor e devoção, é um vício prisional, no qual o próprio reconhece o teor nocivo de ser o portador das memórias, "Pai, ter a tua memória dentro da minha é como carregar uma vingança, é como carregar uma saca às costas com uma vingança guardada para este mundo que nos castiga" (PEIXOTO, 2015, p. 60), ou seja, o fardo de lembrar e testemunhar é dele, visto que ele é o sobrevivente da relação entre os dois. O psicanalista argentino Juan-David Nasio, em sua obra intitulada *O livro da dor e do amor* (1997), ao comentar sobre o indivíduo que se recorda do ente que perdera, afirma que:

> O eu fica inteiramente ocupado em manter viva a imagem mental do desaparecido. Como se ele se obstinasse em querer compensar a ausência real do outro perdido, magnificando a sua imagem. O eu se confunde então quase totalmente com essa imagem soberana, e só vive amando, e por vezes odiando a efígie de um outro desaparecido. Efígie que atrai para si toda

> a energia do eu e lhe faz sofrer uma aspiração medular violenta, que o deixa exangue e incapaz de interessar-se pelo mundo exterior (NASIO, 1997, p. 28).

A necessidade vital em preservar o pai, mesmo que na memória, é o fardo do filho. Contudo, o interessante é que, logo no início da narrativa, é ofertada a informação de que o pai tivera uma filha e sua esposa estava viva. Assim, é o próprio filho que se coloca como o guardião/prisioneiro e portador do testemunho, ato que o distancia da família e dá tons melancólicos e angustiantes ao que ele narra, como pode ser observado no excerto que segue: "dizia nunca esquecerei, e hoje lembro-me. Rostos tornados desconhecidos, desfigurados na minha certeza de perder-te, no meu desespero. Como no hospital. Não acredito que possas ter esquecido" (PEIXOTO, 2015, p. 08), em outras palavras, "o que dói não é perder o ser amado, mas continuar a amá-lo mais do que nunca, mesmo sabendo-o irremediavelmente perdido" (NASIO, 1997, p. 30).

Para além disso, é observável também, ao longo da narrativa da novela, o fato de que o narrador/personagem não *conseguirá* retornar ao que era antes de perder o pai e ser o encarregado de lembrar. O historiador francês Jacques Le Goff, em sua obra intitulada *História e memória* (1990), afirma que a memória é parte intrínseca do que se conhece como identidade.

Nesse sentido, o filho, além de manter viva a memória sobre o pai, altera sua identidade nesse processo, como é possível de ser evidenciado em dois momentos finais da narrativa: "descansa, pai, dorme pequenino, que levo o teu nome e as tuas certezas e os teus sonhos no espaço dos meus" (PEIXOTO, 2015, p. 60), e mais adiante: "Pai, onde estiveres, dorme agora. Menino. Eras um pouco muito de mim. Descansa, pai. Ficou o teu sorriso no que não esqueço, ficaste todo em mim. Pai. Nunca esquecerei" (PEIXOTO, 2015, p. 61).

O narrador/personagem, ao final da obra, contempla o corpo do pai em uma capela. Nesse desfecho, ele já se encontra mais estabilizado, visto que assumiu a tarefa de manter o pai vivo, "dizia nunca esquecerei, e lembro-me" (PEIXOTO, 2015, p. 18). Para ele, lembrar é vital e esquecer é impossível, mas isso não basta, conforme afirma Seligmann-Silva (2003):

> O testemunho coloca-se desde o início sob o signo da sua simultânea necessidade e impossibilidade. Testemunha-se um excesso de realidade e o próprio testemunho enquanto narração testemunha uma falta: a cisão entre a linguagem e o evento, a impossibilidade de recobrir o vivido ("o real") com o verbal (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 46-47).

Por mais que testemunhe e vista as roupas do pai, imite seus trejeitos e mantenha viva suas ambições, o narrador/personagem de *Morreste-me* (2015) sabe que perdeu e isso suscita dor às suas recordações:

> Deixaste-te ficar em tudo. Sobrepostos na mágoa indiferente deste mundo que finge continuar, os teus movimentos, o eclipse dos teus gestos. E tudo isto é agora pouco para te conter. Agora, és o rio e as margens e a nascente; és o dia, e a tarde dentro do dia, e o sol dentro da tarde; és o mundo todo por seres a sua pele. [...] E oiço o eco da tua voz, da tua voz que nunca mais poderei ouvir. A tua voz calada para sempre. E, como se adormecesses, vejo-te fechar as pálpebras sobre os olhos que nunca mais abrirás. Os teus olhos fechados para sempre. E, de uma vez, deixas de respirar. Para

> sempre. Para nunca mais. Pai. Tudo o que te sobreviveu me agride. Pai. Nunca esquecerei (PEIXOTO, 2015, p. 18-19).

Ao final da obra, o narrador/personagem enfim constata o caráter irremediável da morte e para ele só resta seguir e lembrar, levar consigo – fisicamente – a memória do pai, mantê-lo vivo através do testemunho. Em *Morreste-me* (2015) o pai morre levando o próprio filho junto, o que sobra são resquícios de um ser que precisa se reencontrar e reencontrar o próprio pai na memória para seguir existindo e lembrando, reafirmando repetidamente ao longo da obra, "Pai. Nunca esquecerei" (PEIXOTO, 2015, p. 61), declarando, assim, sua sentença perpétua em um trauma incurável e silencioso.

Considerações finais

Espera-se que, durante a leitura do presente estudo, possa-se determinar como a novela *Morreste-me* (2015), de José Luís Peixoto se configura como uma obra memorialística testemunhal de alto rigor estético e conteudístico. Além disso, é notável como a narrativa de Peixoto é diversificada em representações semânticas, permeada por diversas entradas analíticas que não foram tangenciadas durante a análise, uma delas sendo as elaborações estéticas que o autor emprega na linguagem utilizada. De forma breve e a título de apresentação, é possível observar que ele subverte a gramática portuguesa, ignorando regras de pontuação no processo, o que acaba atribuindo um caráter subjetivo e intimista ao relato que é dele e apenas dele.

Marcel Proust, em *Contre Sainte-Beuve* (1908-1909), afirma que "os mais belos livros são escritos numa espécie de língua estrangeira. Sob cada palavra cada um de nós coloca seu sentido ou ao menos sua imagem, que é frequentemente um contrassenso. Mas nos belos livros, todos os contrassensos que fazemos são belos" (PROUST, 1954, p.297-298), de fato, quando se tem como objeto de estudo uma obra como a de Peixoto, que transfigura a linguagem ao seu *bel prazer* e tem como resultado uma narrativa lírica, testemunhal e irreproduzível, a afirmação de Proust encontra um lugar-comum. Ademais, outro ponto fértil em *Morreste-me* (2015), abertas a possíveis estudos futuros, são análises centradas apenas no luto e a melancolia do narrador/personagem; no caráter lírico da obra e, até mesmo, análises do discurso.

Diante do exposto, o recorte analítico determinado para o presente estudo não tem a pretensão de enclausurar a obra de José Luís Peixoto em uma interpretação única. Pelo contrário, buscou-se abri-la e perscrutá-la analiticamente à luz de um de seus possíveis temas analíticos, a memória e o testemunho traumático. O já citado Márcio Seligmann-Silva, em seu estudo intitulado "Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas" (2008, p. 70), afirma que "o trauma encontra na imaginação um meio para sua narração.

Assim, a literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço", e de fato, grande parte da análise se ocupou em mostrar como Peixoto usa a literatura para testemunhar um trauma – único e intrasferível – mas seu.

Quando se tem como objeto de leitura uma obra como a de José Luís Peixoto, cujo norte da narrativa é uma necessidade vital de rememorar o pai morto, testemunhar a existência do ente querido que não se faz mais corporalmente presente, é necessário a presença de um leitor calibrado, ativo e participativo. Por seu caráter subjetivo, as narrativas memorialísticas (diários, relatos, dentre outras) acabam caindo em mãos críticas que as carac-

terizam, em muitos casos, como esteticamente inferiores às narrativas mais impessoais, que se orientam para outras temáticas.

Contudo, para se narrar/testemunhar o inenarrável, os parâmetros literários precisam ser subvertidos conforme a necessidade de quem narra/testemunha (SELIGMANN-SILVA, 2008). Assim, toda obra que literária subjetiva, que se orienta da mesma forma que a novela de Peixoto, demanda um leitor competente que desempenhe a função determinada por Seligmann-Silva (2008) em testemunhos, a função dialógica.

Ademais, espera-se que o teor lírico das memórias prisionais do personagem possa ter sido captado ao longo do estudo. Mesmo não sendo o foco trabalhar a poeticidade da obra *Morreste-me*, é compreendido no texto que o poético só é alcançado na angústia heideggeriana. Em seu testemunho, em sua busca por livrar-se da dor do luto e, ao mesmo tempo, salvar o pai (e salvar a si mesmo), o narrador/personagem entende que "a palavra, finalmente em liberdade, mostra todas as suas vísceras, todos os seus sentidos e alusões, como um fruto amadurecido ou como fogos de artifício no momento em que explodem no céu. O poeta põe sua matéria em liberdade" (PAZ, 2012, p. 30). Indo além, é no entrecruzamento da dor, do poético e do trauma que o personagem consegue sobreviver ao pai que morreu e o matou, em partes, no processo.

Referências

BRAGATTO FILHO, Paulo. *Da essencialidade da literatura*. In: Pela leitura literária na escola de 1º grau. São Paulo: Ática, 1999.

EM MORRESTE-ME, José Luis Peixoto homenageia legado e memória do pai. *Nonada*, Porto Alegre, 06 de mai. de 2015. Disponível em: < https://www.nonada.com.br/2015/05/em-morreste-me-jose-luis-peixoto-homenageia-legado-e-memoria-do-pai/ >. Acesso em 01 de jun. de 2022.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Trad. Marilene Carone. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, São Paulo: Unicamp, 1990.

NASIO, Juan-David. *O livro da dor e do amor*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio*: no movimento dos sentidos. Campinas: Unicamp, 1997.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PEIXOTO, José Luís. *Morreste-me*. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da Literatura do século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PROUST, Marcel. *Contre Sainte-Beuve*. Paris: Gallimard, 1954.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento*, Seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia clínica*, v. 20, p. 65-82, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e esquecimento. In: SILVA, Márcio Seligmann (Org). *História, memória e literatura*: o testemunho na Era das catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

TOFALINI, Luzia. O ritmo no romance lírico. *Revista Eletrônica de Divulgação*

Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura - Ano 02- n.02 - 1º

Semestre de 2005. [www.letramagna.com].